

**UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – UPE  
FACULDADE DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA  
DE GARANHUNS – FACETEG  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**A FEIRA LIVRE DE LAJEDO: PRÁTICAS NA CULTURA  
LOCAL DA CONTEMPORANEIDADE.**

**FLÁVIA CORDEIRO DA SILVA  
MOURA KLEBERSON DOS SANTOS**

**GARANHUNS – PE  
2008**

**FLÁVIA CORDEIRO DA SILVA  
MOURA KLEBERSON DOS SANTOS**

**A FEIRA LIVRE DE LAJEDO: PRÁTICAS NA CULTURA  
LOCAL DA CONTEMPORANEIDADE**

**Monografia apresentada ao  
curso de licenciatura em  
História ministrado pela  
Universidade de Pernambuco –  
UPE, em cumprimento às  
exigências para a conclusão de  
curso.**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ms. Magdalena Almeida**

**GARANHUNS – PE  
2008**

**FLÁVIA CORDEIRO DA SILVA  
MOURA KLEBERSON DOS SANTOS**

**A FEIRA LIVRE DE LAJEDO: PRÁTICAS NA CULTURA  
LOCAL DA CONTEMPORANEIDADE**

**Monografia apresentada ao  
curso de licenciatura em  
História ministrado pela  
Universidade de Pernambuco –  
UPE, em cumprimento às  
exigências para a conclusão de  
curso.**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ms. Magdalena Almeida**

**APROVADA EM \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>ª</sup> Ms. Magdalena Almeida**

“Se quisermos progredir, não  
devemos repetir a história, mas fazer uma  
história nova.”

Gandhi

A nossos pais Maria das Neves e  
Eletácio, Gildete e Moura Aurino. Com  
carinho, DEDICAMOS.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre se fazer presente em nossas vidas.

À professora Magdalena Almeida, nosso agradecimento especial pela orientação e apoio, os quais tornaram possível a realização deste trabalho e ainda pelos valiosos ensinamentos e colaboração constante dispensados a nós nesses últimos quatro anos.

Aos nossos amigos, Sindelânia e Aluisio pelo companheirismo e amizade sempre presentes em muitos momentos.

A Lígia Izarely (in, memorian), pela amizade e exemplo de vida.

A Irene Amaral, pela dedicação e alento, indispensáveis em diversos momentos da nossa vida.

A Verlane, uma grande amiga que em sua imensa compreensão se fez presente em todos os momentos que precisamos e por não nos deixar desanimar nunca.

A Sr. Waldir Cordeiro, pela disponibilidade e colaboração.

A Rita de Kássia, por sempre acreditar no nosso potencial e por nos estendera mão amiga sempre.

A Irany, pelo estímulo constante

E a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.

## RESUMO

Lajedo, uma cidade localizada no agreste pernambucano distante 196km da capital, Recife. Possui uma das mais expressivas feiras livres do estado, onde o fluxo de capital, mercadorias e pessoas demonstram sua importância para a economia e a cultura local. Ao percebermos a utilização e manutenção de algumas práticas cotidianas da feira livre de Lajedo, surgiu a necessidade de se buscar analisar melhor este fato, localizando a Idade Média, considerada o marco inicial das feiras, passando pela sua realidade atual. Neste intento, constatamos que as práticas contidas na feira, apesar de muitas, remontarem da Idade Média, hoje estão integradas ao cotidiano da cidade e na sua cultura, tornando-se assim, uma importante fonte para a construção de identidades culturais.

**Palavras-chave: Feira livre, práticas culturais, identidades culturais, patrimônio**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
PARTE I .....	11
1. A origem das feiras .....	11
1.1 Lajedo: colonização e urbanização .....	13
1.2 A feira de Lajedo .....	15
1.3 Relação da feira de Lajedo com as feiras medievais .....	17
PARTE II .....	21
2. Práticas .....	21
2.1 Práticas na feira livre de Lajedo .....	22
PARTE III .....	24
3. Identidades .....	24
3.1 Identidade Cultural .....	27
3.2 A feira livre de Lajedo como fonte para a construção de identidades culturais .....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
ANEXOS .....	37

## INTRODUÇÃO

Desde seus primórdios, na Idade Média, as feiras livres estão carregadas de práticas que podem oferecer subsídios à pesquisa histórica local e à construção das identidades de qualquer sociedade que a cerca. As feiras livres resistiram ao longo do tempo às transformações das relações econômicas e sociais, trazendo consigo, para os dias atuais, elementos culturais de gerações passadas.

Durante o processo de interiorização da colonização portuguesa no Brasil, e em especial no Nordeste, o surgimento de vilas e cidades está intrinsecamente ligado às feiras livres, que abasteciam de mercadorias e principalmente de gado as regiões do interior nordestino. É nesse contexto que se dá a ocupação do agreste de Pernambuco, o que se pode notar através da comercialização e transporte do gado para as feiras, o surgimento da povoação que mais tarde se tornaria a cidade de Lajedo. Atualmente, a feira de Lajedo é uma referência em todo o agreste pernambucano, tanto pelo porte como pelo fluxo de pessoas e mercadorias.

Identificar as práticas das feiras livres da Idade Média que ainda permanecem no cotidiano da feira livre atual e que por muitas vezes passam despercebidas até mesmo daqueles que as praticam. Pensar que a feira livre é algo recente em nossa história, faz com que muitos daqueles que são parte essencial no processo de sua realização, em especial os feirantes, sejam alienados do papel que exercem como continuadores da história.

Durante os debates para a escolha do nosso objeto de estudo e formulação da problemática aqui expressa, nos deparamos com a escassez de bibliografia específica, que desse base teórica para nossa pesquisa. Ao identificar autores como Leo Huberman, Jean Gimpel, Michel Maffesoli, Roger Chartier entre outros, nos debruçamos no estudo de teorias que fundamentam a pesquisa.

Apesar da prática da feira ser uma herança medieval, pouco se fala ou se questiona as possíveis mudanças que ocorreram desde então e o que sobrou das ações praticadas naquele período. Em uma época marcada pela rapidez nas inovações tecnológicas e na transmissão das informações, as notícias veiculadas hoje, logo são esquecidas e quando se fala no passado pouco interesse é despertado.

A feira é presença marcada semanalmente em nossa cidade, rica culturalmente e economicamente, torna-se imperceptível aos olhos de quem usufrui seus serviços e de quem a faz. O tema é abordado, quando possível em livros didáticos, resumindo-se em poucas linhas, tratando apenas em termos mercantilistas.

Tratando-se de um campo tão rico culturalmente, enfatizamos nesta pesquisa, a origem da feira e sua contribuição implícita a cultura regional de uma comunidade em si, e o que ela guarda da história local. Confrontado ações vivenciadas atualmente, com aquelas praticadas há alguns anos.

Ao observarmos a vivência de cada feirante, seu trabalho torna-se preciosidade, uma vez encontrada tamanha dificuldade em localizar dados seguros, que nos localizem em termos de origem e fundação da feira livre de Lajedo. Notamos então que prática do comércio ambulante, está longe de ser apenas uma prática econômica, e sim um complemento. Partindo também da herança familiar e ainda continuam praticando o comércio na feira livre.

Historicamente, estaremos catalogando informações que serviram de instrumento de reconhecimento não apenas da história local (física e econômica) servirá também de referência e identidade pessoal. Cada feirante e cada consumidor passará a ver a origem daquele aglomerado de mercadorias, jargões há década, porque não dizer centenas de anos. Encontramos hoje, apenas poucos artigos que tratam da tão conhecida feira de Caruaru, elevada a patrimônio cultural, tratam de sua imensa riqueza cultural, porém nada se fala de sua origem e crescimento.

Valendo-se dos conceitos de François Bédarida em que, o historiador precisa buscar estar o mais próximo possível da verdade, não transformar a história em pequenos fragmentos de interesse particular, estudar o porquê dos acontecimentos e não apenas o que são em uma simples descrição dos fatos, sair do papel de mero consumidor a pesquisador das feiras, conviver com o nosso objeto de estudo, os feirantes, nos dá clareza e objetividade para descrever em fatos claros a origem da feira de Lajedo, seu processo de expansão e herança cultural que produziu e produz atualmente.

Buscamos ampliar as interpretações para surgirem novas visões de mundo, pretendendo ser totalizante no sentido de que todos, sem distinção de cor, raça, sexo e classe social tenham a oportunidade de conhecê-la, e não com o sentido de estudar a história como um todo. Valorizando não apenas aquelas grandes em extensão, a cultura é expressiva, isso independe de seu tamanho, cada feira produz uma herança cultural incalculável é isso que descrevemos.

## PARTE I

### 1. A ORIGEM DAS FEIRAS

*“[...] O conjunto de mercadorias na feira livre aumentava o excitamento visual generalizado: veludos e brocados, cobre e aço cintilante, couro trabalhado e vidro brilhante, para não falar nos alimentos dispostos em seus tabuleiros sob o céu aberto.”<sup>1</sup> (MUNFORD,1998.325)*

Nos séculos XI e XII, a Europa estava mergulhada na Idade Média, onde toda a estrutura econômica girava em torno das decisões dos senhores feudais. Todas as necessidades de consumo dos senhores e servos eram resolvidas dentro do próprio feudo, utilizando-se das habilidades dos artesãos e agricultores do feudo, a comunidade feudal se mantinha fechada e sem nenhum contato com outros feudos, no entanto aos poucos, vários produtos vindos de diversas regiões do mundo, até então conhecido pelo homem, começaram a fascinar os senhores feudais, que sempre demonstravam obsessão pela luxuosa vida da nobreza e pelas mercadorias exóticas do Oriente. Porém, com o afloramento das cidades, o crescimento populacional e o aumento dos produtos manufaturados e por conseguinte a formação de excedentes dos mesmos, houve uma gradativa expansão do comércio entre as cidades medievais.

A feira livre surge na Idade Média como grandes centros de troca onde inúmeras pessoas se concentravam em determinadas cidades para trocar seu excedente de produção em mercadorias que sua família e nem seu feudo produziam. Esse intercâmbio de mercadorias e pessoas entre as feiras livres das cidades feudais, favoreceram ao crescimento de diversas cidades. Pois, *“[...]O comércio internacional não produziu cidades medievais, mas promoveu seu crescimento, como Veneza, Gênova, Milão, Arras, Bruges[...]”<sup>2</sup> (MUNFORD,1998.279).*

Outro fator que colaborou para o surgimento das feiras, foi a precária e perigosa rede de transportes terrestre, pois *“[...] os meios de transportes não estavam tão desenvolvidos.[...]”<sup>3</sup> (HUBERMAN,1936.21),* as mercadorias demoravam meses em

<sup>1</sup> MUNFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. – São Paulo – SP . Martins Fontes, 1998 ( Ensino Superior) p.325

<sup>2</sup> MUNFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. – São Paulo – SP . Martins Fontes, 1998 ( Ensino Superior) p.279

<sup>3</sup> HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem.21ª ed. Nova York, EUA. LTC, 1936. p.21

carroças, para transpor estradas em péssimas condições de conservação e cheias de ladrões que roubavam e atormentavam as comitivas, chegando aos seus destinos encarecidas pela demora e muitas vezes, encontrando em várias cidades da Europa medieval, um precário comércio permanente que não dava um certo fluxo de riquezas, desestimulando assim a manutenção dos mesmos, pois “[...]. *Nem havia uma procura firme e constante de mercadorias, em todas as regiões, que pudesse garantir às lojas uma venda diária durante todo o ano [...]*”<sup>4</sup>(HUBERMAN,1936.21).

Em muitas cidades da Europa medieval, o surgimento das feiras também esteve atrelado a questões religiosas, pois era comum o clero de determinadas cidades oferecer facilidades (isenção de impostos e segurança), as quais, davam condições para que a feira se formasse ao redor de suas igrejas como aconteceu em “[...]cidades como Chartres, com seus 10.000 habitantes e sua famosa catedral, ofereciam facilidades que atraíam tanto peregrinos como comerciantes [...]”<sup>5</sup>(MUNFORD,1998.280). Porém, em sua maioria, as feiras organizadas pelo clero, representavam apenas um comércio local, que atendia as necessidades da população circunvizinha as igrejas e mosteiros, onde era raro observar o movimento econômico e social iguais as grandes feiras internacionais, porque “[...]a feira regular, realizada uma ou, não raro, duas vezes na semana, sob a proteção do bispo ou abade, era um instrumento de vida local, não de comércio internacional[...]”<sup>6</sup>(MUNFORD,1998.278).

As feiras medievais, com o passar do tempo e o desenvolvimento das relações comerciais, começaram a ocupar extensas áreas e muitas duravam o ano todo. Dentro de suas dependências havia uma organização prévia, na qual eram determinados, os dias em que a feira tomaria parte da cidade, a separação das mercadorias por tipo e região da qual era procedente a fiscalização da entrada dos feirantes e suas movimentações dentro da feira, entre outras questões que envolviam a parte estrutural e organizacional da feira.

A população de diversas cidades esperava ansiosamente pelos dias da feira, as cidades se enchiam de pessoas e produtos exóticos. Essa ansiosa espera demonstrava que a feira era para a população local, mais do que um mero mercado onde eles poderiam comprar ou trocar mercadorias, mas uma forma de socialização com culturas que se diferenciavam das suas, as feiras eram na essência um local de comércio, porém também desempenhavam seu papel de lazer para as cidades medievais.

---

<sup>4</sup> HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. 21ª ed. Nova York, EUA. LTC, 1936. p.21

<sup>5</sup> MUNFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. – São Paulo – SP. Martins Fontes, 1998 (Ensino Superior) p.280

<sup>6</sup> MUNFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. – São Paulo – SP. Martins Fontes, 1998 (Ensino Superior) p.278

Durante as feiras medievais, não era apenas a população menos favorecida que lucrava, em negócios e divertimento. Mas, outras classes como a dos senhores feudais e ricos mercadores, que viam nas feiras livres um enorme campo para a expansão de seus negócios e movimentação de suas riquezas. Em muitas feiras, as garantias de proteção dos senhores feudais e isenção de taxas de entrada na feira, levavam às mesmas um maior número de pessoas, o que ocasionava um maior volume de negócios e conseqüentemente uma maior arrecadação de valores para os administradores da feira. A feira livre também representava uma espécie de banco, nas quais, tinham áreas e dias restritos ao comércio financeiro e onde grandes quantias de dinheiro eram negociados, pesados e trocados pela moeda circulante em determinada feira, “[...] *As feiras tinham, assim, importância não só por causa do comércio, mas porque aí se efetuavam transações financeiras[...]*”<sup>7</sup> (HUBERMAN,1936.21).

As feiras livres na Idade Média, favoreceram as relações culturais das populações onde eram montadas e principalmente serviram de lastro para o desenvolvimento do comércio moderno, “[...] *As feiras[...] constituíam um passo em prol do comércio estável e permanente*”.<sup>8</sup> (HUBERMAN,1936.21). Sendo disseminadoras de um novo conceito de estrutura comercial que perdura até nossos dias.

## 1.1 LAJEDO: COLONIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO

*[...] Forte e brava escreveu tua gente  
com vigor e denodo esta história  
de renúncia, conquistas e de glória  
que nas lides do agora é presente[...]”*<sup>9</sup>

O processo de colonização e urbanização da região do atual município de Lajedo, tem seu marco inicial com a compra da propriedade denominada Kágado, por Vicente Ferreira da Silva, que era proveniente da cidade de Altinho

O desbravador da região, ao chegar em suas terras para fixar residência se deparou com uma região inóspita onde imperava a rica diversidade animal e vegetal do agreste intocado pelo homem. “[...] *Na paisagem campestre dominavam os umbuzeiros, as juremas pretas, as caatingueiras, os paus d’arco, as baraúnas, os cajueiros, as canafistulas e toda imensa variedade da flora agrestina[...]*”.<sup>10</sup> (SILVA,1995.27-28)

<sup>7</sup> HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. 21ª ed. Nova York, EUA. LTC, 1936. p.23

<sup>8</sup> HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. 21ª ed. Nova York, EUA. LTC, 1936. p.21

<sup>9</sup> Estrofe da Canção para a minha terra :Hino Oficial do Município de Lajedo (Decreto nº 06/74, de 07-09-1974)

<sup>10</sup> SILVA, Antônio de Oliveira e. Lembranças da Primavera: memórias, Lajedo: Ed. do autor, 1995, p.27-28

Vicente Ferreira construiu a sede da fazenda no atual Sítio Olhinhos d'Água, onde existem várias nascentes de água, as quais abasteciam a família nos meses de estiagem. Ele, sua família e seus escravos trabalhavam na agricultura, no beneficiamento de mandioca e na caprinocultura. Esta última deu à história do município um novo rumo, pois fugindo dos prejuízos provocados ao rebanho, pelos ataques sucessivos das jibóias e gatos maracajás que habitavam as matas ao redor da sede da fazenda, José Ferreira da Silva, filho mais velho de Vicente Ferreira, decidiu buscar na extensa propriedade da família, um local mais descampado onde o rebanho pudesse crescer sem a ameaça dos animais silvestres.

Ao chegar na região do atual centro da cidade, descobre um local propício, onde a mata era menos densa e repleta de formações rochosas, importantes nessa região semi-árida, pois as mesmas possuíam cavidades onde a água das chuvas era represada e poderia suprir a família e o rebanho. “[...] os caldeirões, uma formação natural de pedra, cheia de cavidades grandes e pequenas que, à semelhança de vasilhas (caldeirões), retinham a água das chuvas[...]”.<sup>11</sup>(SILVA,1995.27)

No ano de 1852, José Ferreira, que a essa altura já possuía o título de Barão Cazuzza, começou a construir a sua casa que deu origem ao perímetro urbano atual, logo seus familiares e amigos também se fixaram próximo, dando origem assim a uma pequena povoação denominada de Santo Inácio dos Lageiros.

Homem influente na região, Barão Cazuzza conseguiu desviar a estrada que ligava as cidades de São Bento do Una<sup>12</sup> e Jurema<sup>13</sup>, aumentando consideravelmente o fluxo de pessoas na povoação. Para aproveitar esse fluxo contínuo de pessoas, o Barão Cazuzza decidiu montar uma pequena mercearia para suprir as necessidades, tanto dos moradores da povoação como dos viajantes, sobretudo os vaqueiros, mais conhecidos como tangerinos, que guiavam grandes boiadas do sertão para a zona da mata. “Lajedo não passava então de um pequeno povoado de poucas ruas sem calçamento, de areia muito branca e macia. Havia a rua principal, ou quadro da rua, onde ficava a igreja, o comércio e onde moravam as pessoas mais importantes[...]”.<sup>14</sup>(SILVA,1995.25)

Com o passar do tempo, a povoação foi sendo acrescida de pessoas vindas de diversas regiões. O crescimento populacional, econômico e político nos anos subseqüentes, levou o

<sup>11</sup> SILVA, Antônio de Oliveira e. Lembranças da Primavera: memórias, Lajedo: Ed. do autor, 1995, p.27

<sup>12</sup> A cidade de São Bento do Una está localizada a 215 km do Recife, no Agreste Meridional de Pernambuco

<sup>13</sup> A cidade de Jurema está localizada a 228 km do Recife no Agreste Meridional de Pernambuco

<sup>14</sup> SILVA, Antônio de Oliveira e. Lembranças da Primavera: memórias, Lajedo: Ed. do autor, 1995, p.25

povoado de Santo Inácio dos Lageiros a tornar-se em 11 de Dezembro de 1903<sup>15</sup>, o 5º distrito da cidade de Canhotinho<sup>16</sup> passando a se chamar povoado de Lajedo<sup>17</sup>.

O povoado de Lajedo era um dos mais prósperos econômica e politicamente da cidade de Canhotinho, fato este, que começou a provocar um certo sentimento de liberdade entre a população. Com a ajuda de políticos e pessoas influentes do povoado no contexto estadual, as aspirações de emancipação política foram concretizadas a partir do projeto de autoria política representativa junto a Assembléia Legislativa do Estado, apresentado pelo Deputado Heráclio do Rego representante da cidade de Limoeiro<sup>18</sup>, no agreste do estado, que culminou com a aprovação na casa e promulgação da Lei Estadual nº 377 de 24 de dezembro de 1948<sup>19</sup>, pelo então Governador Barbosa Lima Sobrinho, que autorizava a divisão administrativa, criando assim, o município de Lajedo.

## 1.2 A FEIRA DE LAJEDO

*“Começa a feira.[...] nas calçadas, as esteiras, panos estendidos,tamboretetes ou armações de madeira servem de vitrina para as mercadorias;[...]. Ruas cheias. Os pequenos ambulantes e os compradores desfilam devagar.[...]”*  
*Geografia Ilustrada - Brasil*<sup>20</sup>

Desde a abertura da pequena mercearia do Barão Cazuya, o comércio do povoado de Lajedo se concentrou na rua principal ou quadro da rua<sup>21</sup>. No entanto, esse emergente comércio não impossibilitou a introdução de uma pequena feira livre no contexto da povoação.

Os poucos feirantes – inicialmente moradores do povoado – aproveitavam as festas religiosas, sobretudo os casamentos, para fazer negócios e suprir de produtos perecíveis (hortaliças, carnes, cereais) e outras mercadorias industrializadas que o comércio ainda não

<sup>15</sup> BOTELHO, Carla (org). Calendário Oficial de Datas Históricas dos Municípios do Interior de Pernambuco, Recife: FIAM/CEHM,1994, P.90-91

<sup>16</sup> A cidade de Canhotinho está localizada a 210 km do Recife, na região de transição da zona da mata sul como o agreste meridional de Pernambuco.

<sup>17</sup> O nome do distrito passou por uma alteração de grafia, através do Decreto-Lei estadual nº 235 de 09/12/1938, pelo qual foi trocado o g pelo j ( Lagedo por Lajedo)

<sup>18</sup> A cidade de Limoeiro está localizada a 77 km do Recife, no agreste pernambucano

<sup>19</sup> BOTELHO, Carla (org). Calendário Oficial de Datas Históricas dos Municípios do Interior de Pernambuco, Recife: FIAM/CEHM,1994, P.90,91

<sup>20</sup> GEOGRAFIA ILUSTRADA ( BRASIL). SP, Abril Cultural,1975

<sup>21</sup> Expressão utilizada durante muito tempo pelos moradores da povoação para designar a rua que ficava ao redor da Capela de Santo Antônio.

disponibilizava para a população. Utilizando-se de uma grande Gameleira<sup>22</sup> que ficava nos fundos da capela de Santo Antônio, os feirantes e açougueiros penduravam as carnes e outros objetos para serem vendidos na improvisada feira. “[...] naquele tempo o açougue era uma gameleira frondosa onde os açougueiros se abrigavam [...]”<sup>23</sup>(BARBOSA,1949.13-14). Porém, essa feira era realizada apenas nos dias de maior movimentação de pessoas, ficando durante boa parte do mês, a população sem um abastecimento contínuo.

A feira que era improvisada e sem um dia fixo recebe numa quarta-feira dia 24 de janeiro de 1900, um grande impulso para sua permanência e efetivação, o Sr. Antônio Alexandre resolveu incentivar a pequena feira, tomando dinheiro emprestado, ele começou a comprar o resto das mercadorias que sobravam da feira, com uma condição imposta aos feirantes, que os mesmos voltassem na próxima quarta-feira e trouxessem mais mercadorias para serem comercializadas naquele mesmo local. O Sr. Antônio Alexandre continuou a comprar o restante das mercadorias durante um bom tempo, até que a feira pudesse se sustentar por ela mesma.

Os incentivos do Sr. Antônio Alexandre deram à feira livre de Lajedo, um dia fixo e a oportunidade de crescimento e efetivação no cotidiano da população de Lajedo. Logo, a pequena feira começou a desenvolver-se, os feirantes trocaram as lonas, panos e, à sombra da grande gameleira, onde a mercadoria era exposta no chão, por barracas de madeira com cobertura, nas quais os produtos a serem comercializados ficavam protegidos das variações do tempo e passaram a ocupar o quadro da rua, a área mais movimentada do povoado. A feira de Lajedo surgiu para atender as necessidades da população do povoado. Porém, com o seu crescimento e divulgação nas cidades e distritos ao entorno de Lajedo, a feira tornou-se um ponto de encontro de pessoas e mercadorias da região, fato este que ainda perdura nos dias atuais.

A feira livre de Lajedo atende hoje boa parte da população de dez municípios e vários povoados e distritos ao seu entorno, sendo um dos principais centros de abastecimento do agreste meridional de Pernambuco. Na cidade existem duas feiras semanais, uma (a principal) na quarta-feira e outra (de menor porte) aos sábados, ocupando atualmente nove ruas e travessas do centro da cidade, sendo o maior fluxo de pessoas localizado na rua Duque de Caxias e no pátio do CEALA - Centro de Abastecimento de Lajedo. Conta ainda com aproximadamente 280 barracas, com seus respectivos feirantes e ainda algo em torno de 150

---

<sup>22</sup> A Gameleira é uma árvore de grande porte da família dos ficus, muito comum no interior do nordeste brasileiro.

<sup>23</sup> BARBOSA, José Paulo. Álbum histórico de Lajedo. Lajedo: ed. do autor,1949. p.13-14

feirantes, que vem à feira durante as safras, principalmente de banana e abacaxi, e assim ocupando áreas que, nos dias normais de feira, estão vazias.

Cerca de sessenta por cento dos feirantes são moradores da cidade, e os quarenta por cento restantes, são provenientes das cidades vizinhas, como: Caruaru, Belo Jardim, Garanhuns, Calçado, Quipapá entre outras.

Um aspecto a ser observado, é que a feira livre de Lajedo possui um corpo de seguranças, os quais ficam encarregados pela manutenção da ordem estrutural da feira, onde eles possuem autonomia para organizar as barracas, os feirantes antigos e novos e apreender mercadorias que vem a comprometer o livre comércio local, uma forma encontrada para salvaguardar os feirantes fixos da feira. Um exemplo a ser citado é quando determinadas mercadorias que estão no período da safra, baixam os preços no CEACA - Centro de Abastecimento de Caruaru - o que vem a refletir na feira, pois vários comerciantes do CEACA vêm à feira de Lajedo para vender por preços menores do que o mercado local, as mercadorias que sobram em grande quantidade na cidade de Caruaru. Sendo necessário que a segurança da feira venha coibir tais práticas, visando sempre a manutenção de um comércio estável durante os dias de feira.

A feira livre de Lajedo, que nos seus primórdios começou precariamente com alguns moradores, hoje está integrada no cotidiano da cidade e da região, sendo não só um ponto de comercialização, mas também um local para socialização e construção de identidades.

### **1.3 RELAÇÕES DAS CARACTERÍSTICAS DA FEIRA LIVRE DE LAJEDO COM AS FEIRAS MEDIEVAIS.**

Apesar das transformações acentuadas das relações econômicas dos séculos XX e XXI, as feiras livres ainda continuam constituindo um imenso celeiro de práticas da cultura medieval. No Brasil, e em especial no interior do estado de Pernambuco, a feira livre assimilou várias práticas locais. Porém, percebe-se a manutenção em sua estrutura de inúmeras práticas medievais que são essenciais para o seu funcionamento.

A estrutura, funcionamento e movimentação social da feira livre não possui alterações consideráveis nesses últimos séculos, onde podemos notar que muitas feiras medievais eram realizadas durante festivais religiosos, os quais, favoreciam um comércio estável durante o evento e que incentivava a vinda de vários feirantes para a localidade, “[...]Grandes feiras internacionais na Idade Média, muitas vezes tinham lugar na época de festivais religiosos, quando peregrinos de muitas partes afluíam em rebanhos a um santuário

*sagrado[...]*<sup>24</sup>(MUNFORD,1998.279) . Nesse mercado paralelo, as festas religiosas também possuem relação com os primórdios da feira de Lajedo, pois, era durante as festas da Igreja Católica, sobretudo os casamentos, que algumas pessoas do povoado, colocavam seus balaios, cestos e panos repletos de mercadorias, próximo da Capela de Santo Antônio, para vender aos peregrinos e convidados, que sempre levavam alguns trocados nos bolsos. Essa precária feira de ambulantes tinha na sazonalidade das festas religiosas, uma das principais fontes de renda de muitos moradores do então povoado.

O fato de a feira possuir uma organização prévia, também evidencia uma continuidade de algumas práticas medievais, pois “[...]Depois de alguns dias de preparativos, nos quais se desempacotava a mercadoria, armavam-se as barracas, efetuavam-se os pagamentos e cuidava-se de todos os outros detalhes, inaugurava-se a grande feira[...]<sup>25</sup>(HUBERMAN,1936.23) . Em Lajedo esta organização prévia ainda existe, o que mudou foi o tempo, enquanto nas feiras medievais os preparativos duravam semanas, em Lajedo duram apenas o dia que antecede a feira, no caso terça-feira, onde se percebe que são colocados os bancos nas ruas, alguns feirantes já chegam e começam a fazer negócios, sobretudo os vendedores de banana e abacaxi, os quais ficam instalados na chamada “feira da fruta”. No dia da feira, os feirantes começam a chegar por volta das 3:00 horas da manhã, fazendo o mesmo ritual de todas as feiras, descarregar e desempacotar as mercadorias, armar os bancos e organizar a mercadoria de forma que atraia mais os olhares dos possíveis compradores. A maioria dos feirantes começa a desarmar os bancos a partir das 12:00 prolongando-se até as 18:30, quando ficam apenas os responsáveis pela limpeza das ruas e retirada dos bancos, liberando assim, o trânsito nas ruas ocupadas durante a feira.

Uma outra prática medieval observada na feira de Lajedo, é o pagamento de taxa para poder comercializar pelas ruas, atualmente denominada de taxa de utilização de área de domínio público e cobrada pela prefeitura da cidade. No entanto, na Idade Média, “[...] *Havia uma taxa de entrada e de saída, e de armazenamento das mercadorias; havia uma taxa de venda e uma taxa para armar a barraca na feira[...]*<sup>26</sup>(HUBERMAN,1936.23). Porém, na feira de Lajedo só existem duas taxas, uma é destinada aos feirantes que ocupam as ruas e a outra às pessoas que compram e vendem animais na feira de gado. Mas nas feiras medievais existiam várias taxas, uma forma encontrada pelos senhores feudais de lucrar com

---

<sup>24</sup> MUNFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. – São Paulo – SP . Martins Fontes, 1998 ( Ensino Superior) p.279

<sup>25</sup> HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem.21ª ed. Nova York, EUA. LTC, 1936. p.23

<sup>26</sup> HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem.21ª ed. Nova York, EUA. LTC, 1936. p.23

o evento “[...] *Simplesmente porque a feira proporcionava riqueza aos seus domínios e a ele pessoalmente.* [...]”<sup>27</sup> (HUBERMAN, 1936.23).

Os feirantes também entram nesta relação, porque eles representam um dos pilares de sustentação e manutenção das feiras livres. Apesar da maioria dos feirantes que trabalham na feira de Lajedo serem provenientes da cidade, podemos encontrar, vários de outras localidades, que vivem de feira em feira e sempre se aportam em Lajedo para comercializar, fato este que se assemelha com as feiras da Idade de Média, pois “[...] *Os mercadores com suas mercadorias deslocavam-se de feira para feira.*”<sup>28</sup> (HUBERMAN, 1936.22). Esta prática ainda esta presente no cotidiano da feira de Lajedo e se consolida toda semana.

No campo das relações sociais, a feira livre de Lajedo possui um conjunto de práticas que nos ajudam a compreender um pouco do cotidiano social da cidade, práticas estas que estão presentes todos os dias da feira. Pois, em Lajedo o que se percebe é a utilização do espaço ocupado pela feira para a propagação de diversas formas de expressões sociais, às quais, dão à feira livre um caráter próprio da localidade. Podemos ressaltar o fato de que muitas pessoas esperam o dia da feira, não apenas para comprar, mas para rever os amigos, os quais aproveitam o dia da feira para conversar e colocar os assuntos em dia. Podemos perceber ainda, que freqüentemente pode-se encontrar pessoas conversando no meio da feira, como se o mundo barulhento ao redor deles não existisse ou aquele local representasse um espaço ideal para a sua interação social.

A feira ainda representa um espaço de lazer, pois podemos observar que algumas pessoas não compram e nem tampouco vendem, ficam apenas transitando pelas ruas, de banco em banco como se estivesse pesquisando preços ou apenas procurando algo de novo para fazer ou observar, tem ainda os casais de namorados que marcam encontros durante a feira, aproveitando para passear pelas ruas.

Ao observar a feira livre de Lajedo, percebemos que existem vários grupos de artistas que divertem a população, são artistas de rua itinerantes, que percorrem as cidades, se apresentando em praças e principalmente nas feiras onde o número de espectadores aumenta consideravelmente, entre eles podemos citar: malabaristas, bandas de pífanos, artesãos entre outros. Este fato também nos remete às origens das feiras medievais, pois, há mais de quinhentos anos atrás, vários artistas de ruas também divertiam a população sendo uma prática bastante comum entre as feiras medievais, onde “[...] *dezenas de saltimbancos*

---

<sup>27</sup> HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. 21ª ed. Nova York, EUA. LTC, 1936. p.23

<sup>28</sup> HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. 21ª ed. Nova York, EUA. LTC, 1936. p.22

*procuravam divertir o povo que se movia de barraca em barraca[...]*<sup>29</sup>(HUBERMAN,1936.23).

Uma outra característica peculiar observada na feira de Lajedo e que tem uma certa relação como as feiras medievais, é o fato de que muitas pessoas se arrumam para vir à feira, onde muitos colocam as melhores roupas, os melhores sapatos, como uma forma de se apresentar diferente do seu dia-a-dia, enquanto em Lajedo essa prática é independente do sexo, idade ou classe social do freqüentante. Contudo na Idade Média ficava em sua maioria relacionada às mulheres que se enfeitavam e viam a feira como uma forma de liberdade de expressão e um espaço onde poderia se apresentar à sociedade, saindo assim da prisão que eram as paredes de sua casa.

*“[...]’Ir ao mercado’continuou a ter por fundamento as necessidades domésticas, ‘fazer compras’ era ocupação menos urgente, menos frívola. Fazer compras proporcionava excitação: servia como ocasião especial para que a dona-de-casa se vestisse, saísse, exibisse a sua pessoa.”*<sup>30</sup>  
(MUNFORD,1998.471).

A feira livre por estar tão integrada ao cotidiano da cidade de Lajedo, pode não perpassar sua importância para o desenvolvimento da cultura local e da construção de identidades para seus feirantes e freqüentantes. Porém, ela é constituída de várias práticas da Idade Média que por herança cultural chegaram aos nossos dias sem uma considerável mudança em suas formas, e que nos mostra a nossa relação direta com atividades medievais que por vezes são consideradas bem atuais.

---

<sup>29</sup> HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. 21ª ed. Nova York, EUA. LTC, 1936. p.23

<sup>30</sup> MUNFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. – São Paulo – SP . Martins Fontes, 1998 ( Ensino Superior) p.471

## II PARTE

### 2. PRÁTICAS

Quando se fala sobre práticas, vários conceitos vêm a nossa mente para designar tal palavra. Porém, vamos nos deter ao conceito proposto por Roger Chartier o qual trata:

*“[...] as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais ‘representantes’ (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe.”<sup>31</sup>(CHARTIER, 1991).*

Em nossa vida social ou até mesmo particular, as práticas se fazem presentes, desde o acordar pela manhã até as tarefas do fim do dia. No mundo contemporâneo, onde as mudanças nas relações sociais estão acentuadas e onde cada vez mais nossas práticas do cotidiano estão sofrendo alterações, quer seja pela necessidade de se priorizar o trabalho e os estudos ou até mesmo por fatores externos que independem de nossas decisões ou anseios. Contudo, ainda assim praticamos e difundimos nossa cultura.

É através das nossas tarefas do cotidiano, que interagimos com os demais membros da sociedade na qual estamos inseridos. Ao praticarmos nossos hábitos diários, percebemos que existe uma ordem pré-destinada onde no inconsciente quase por um estímulo Logo, são estas práticas que nos dão base para construir nossas identidades sociais e até mesmo colaboram para a formação do caráter pessoal de cada indivíduo. Pois, são *“[...] os pequenos fatos da vida cotidiana que por sedimentação constituem o fundamento incontornável das maneiras de ser [...]”<sup>32</sup>* (MAFFESOLI, 1996. 106)

A partir do momento que nos apropriamos de certas práticas e começamos a executá-las, estamos perpetuando nossa cultura, ajudando a construir as identidades culturais do grupo social. A apropriação de um bem, quer seja material ou imaterial, por uma sociedade,

---

<sup>31</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. 1991. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-40141991000100010&script=sei\\_arttext&tling=em](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-40141991000100010&script=sei_arttext&tling=em). acesso em 06/11/2008.

<sup>32</sup> MAFFESOLI, Michel. No fundo das aparências. Petrópolis – RJ. Vozes, 1996 p.106

evidencia o fato de que este bem, no nosso caso as práticas, representa para aquela sociedade algo muito importante para a manutenção e a estabilidade de suas relações sociais.

## 2.1 PRÁTICAS NA FEIRA LIVRE DE LAJEDO

*"[...] A realidade, a concretude, a objetividade ou a estabilidade de tais materiais e práticas lhes dão as características de um bem cultural."*<sup>33</sup>

(SMOLKA,2000)

Ao chegar a feira livre de Lajedo, a primeira impressão é de que toda aquela estrutura montada semanalmente para a comercialização de produtos, não obedece nenhuma ordem pré-estabelecida e que tudo não passa de um comércio ambulante sem a mínima organização. Porém, com um olhar mais atento, podemos perceber que existe sim, uma certa organização em meio as variedades de cores, sons e formas apresentadas na feira.

As práticas cotidianas que estão integradas a realidade da feira, dão uma certa dinâmica no que diz respeito a sua organização. Dentre essas práticas contidas na feira, a figura marcante do feirante, uma das peças principais desta estrutura popular, contribuem com suas práticas de trabalho, onde desde a compra das mercadorias nos grandes centros distribuidores a exemplo da cidade de Caruaru, até a venda direta aos seus clientes as práticas se fazem presentes, são as formas e meios percorridos pelos feirantes para pechincharem pelos menores preços junto aos distribuidores ou ainda a forma como eles chamam os clientes, utilizando-se na maioria das vezes jargões bem conhecidos, com: *Moça bonita não paga, mas também não leva! Olha a verdura! Macaxeira! Vem pra cá cumadre, vem pra cá cumpadre! Aproveite é só hoje!* Entre outros.

O dia da feira para o feirante começa na madrugada da quarta ou do sábado, por volta das 3:00 horas a maioria dos feirantes começam a chegar, dando início assim, um ritual de práticas repetidas todos os dias da feira, descarregar e desempacotar a mercadoria, armar os bancos e em meio a essa efervescência de trabalho, percebemos a existência de uma certa descontração e amizade entre os feirantes, onde muitos se conhecem há décadas e é comum vermos eles em habituais cantorias e brincadeiras, tornando a feira mais do que um simples trabalho, uma grande família e uma verdadeira festa.

---

<sup>33</sup> SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais.2000.Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622000000100003&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622000000100003&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em 23/10/2008

Outra peça principal da feira, são as pessoas que freqüentam, aqui chamadas de freqüentantes. Os freqüentantes abrangem tanto as pessoas que destinam-se a feira para comprar como as que transitam por ela que seja, porque ela fica no meio do caminho ou porque vão a ela para passear.

É interessante perceber que dentre as práticas executadas pelos freqüentantes, algumas se sobressaem sobre as outras. Onde podemos citar o fato de que muitos destes considerados freqüentantes andam de banco em banco, analisando e comparando os preços das mercadorias como se estivessem nos corredores de um supermercado, usando de uma velha tática capitalista de pechinchar pelo menor preço. Os freqüentantes ainda utilizam o espaço da feira para reencontrar velhos amigos ou ainda passear, tornando a feira num espaço de lazer e diversão, e ainda é comum vários grupos de artistas itinerantes que se apresentam pelas ruas divertindo a multidão.

O que queremos aqui elucidar, é essa apropriação subjetiva que cada indivíduo possui de todas estas práticas rotineiras. Práticas estas, que foram, são e serão indispensáveis a manutenção e disseminação deste bem tão importante para a cultura da cidade de Lajedo, que é a feira livre, a qual ocupa algumas ruas e apenas dois dias da semana. Porém, suas práticas dão sustentabilidade, fundamentação e identificação sócio-cultural à várias pessoas, que direta ou indiretamente utilizam-na como trabalho, mercado e lazer todas as semanas.

### III PARTE

#### 3. IDENTIDADES

*“Identidade sf.1. Qualidade de idêntico. 2. Os caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc.”<sup>34</sup> (FERREIRA,2001.371)*

Essa definição do minidicionário Aurélio deixa evidente que, identidade é aquilo que pertence ao indivíduo, que cabe apenas e somente a ele desfrutar. Uma conceituação um tanto quanto simplória e egocêntrica, já que se refere ao que é único, são apenas informações pessoais. Caberia assim, tratar o conceito do dicionário Aurélio como identidade pessoal, o indivíduo com suas particularidades, o seu subjetivo.

Mas, essa definição não é única, o tema identidade é bastante complexo e toma novos caminhos a partir de cada contexto em que esteja inserido, acompanhando a dinâmica da sociedade. Vem sendo discutido há muito tempo, onde podemos observar uma preocupação de sua abordagem desde a época do Iluminismo e conseguinte por diferentes ciências, como a filosofia, psicologia, antropologia e sociologia sendo as primeiras pioneiras no estudo.

Numa definição filosófica e que se enquadra bem na concepção iluminista de identidade, onde se tentava agregar à identidade um valor fixo e imutável, ignorando o sujeito como pertencente a uma sociedade que passa por transformações e que, por sua vez, influencia na visão do seu “eu” de sentir-se perante o mundo. Assim, Dominique Wolton define identidade pessoal:

*“Identidade como o caráter do que permanece idêntico a si próprio; como uma característica de continuidade que o ser mantém consigo mesmo[...].”<sup>35</sup>(SILVA, K. 2005,202).*

Assim o sujeito é um ser contínuo, que permanece essencialmente o mesmo ao longo do tempo, as suas características continuam sempre as mesmas. No caso de particularidades pessoais, como nome, sexo, etc., é fácil de aceitar que são gêneros que o acompanharão por toda sua vida e será através deles o modo pelo quais os indivíduos se identificarão tanto para

---

<sup>34</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro- RJ: Nova fronteira,2001, p 371.

<sup>35</sup> SILVA, Kalina Vanderley. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo – SP: Contexto,2005. p.202

si próprio, como para os outros também o reconhecerem com as características que apresenta o que o tornará singular, diferenciando-o dos demais.

Mas, para diferenciar pessoas, além de suas características físicas, não podemos esquecer que, identidade não é apenas um critério de identificação externa, para distinguir alguém de outrem, mas sim, como o ser se sente e se percebe perante os outros, com sua personalidade, o que é, enquanto sujeito, capaz de pensar, agir e colaborar para o seu meio. Numa visão sociológica de identidade que discorda da visão iluminista, define o sujeito como pertencente a uma sociedade, e por sua vez, mantendo relações com outras pessoas, onde se transmitem noções de valores, de experiência, de visão de mundo, de cultura, de tudo que pertence ao meio onde vive, e a ele também.

Nessa concepção, a Antropologia e a Psicologia defendem a idéia que: “[...] *identidade é um sistema de representações que permite a construção do ‘eu’, ou seja, que permite que o indivíduo se torne semelhante a si mesmo e diferente dos outros.* [...]”<sup>36</sup> (WOLTON conforme SILVA, K. 2005,202) .

Percebe-se então, que nesta definição, o pessoal é mais complexo, contando agora não apenas com características, mas com o que o sujeito possui internamente, vivências que demonstram o que ele foi, o que é e o que será.

O que se pretende defender agora é de que o sujeito é um composto de suas características e de suas experiências do passado, que serão carregadas por toda sua vida. Não podemos deixar de frisar, que o ser humano é mutável, se transforma e recebe influências do seu meio, os planos que temos hoje podem perfeitamente ser modificados no nosso cotidiano, são as nossas necessidades que determinarão o que seremos amanhã. Portanto, a Psicologia Social coloca: “[...] *identidade social é o que caracteriza cada indivíduo como pessoa e define o comportamento humano influenciado socialmente* [...]”<sup>37</sup> (SILVA, K. 2005,202-203)

Assim também, na visão sociológica de identidade que discorda da visão iluminista, define o sujeito como pertencente a uma sociedade, e por sua vez, mantendo relações com outras pessoas, onde se transmitem noções de valores, de experiência, de visão de mundo, de cultura, de tudo que pertence ao meio onde vive. Como se diz no linguajar popular: *O homem não é uma ilha*, não vive sozinho e não se forma como ser social, sem manter relações com outras pessoas. Cada pessoa possui características que lhe são próprias, mas através da convivência em social é que nos completamos por inteiro. A nossa identidade não é apenas o pessoal, mas o social, que se determina através da ligação entre o *eu* e a sociedade.

---

<sup>36</sup> SILVA, Kalina Vanderley. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo – SP: Contexto,2005. p.202

<sup>37</sup> SILVA, Kalina Vanderley. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo – SP: Contexto,2005. p.202-203

Nota-se que a definição de identidade foi modificada quando a concepção do sujeito individual transformou-se, pois desde os tempos pré-modernos, o homem se baseava no individualismo estabelecido por Deus, ser supremo, e, portanto, não aberto à mudanças. Assim, o sujeito foi descentralizado da idéia do “ser supremo”, e passou ele mesmo a considerar-se como “indivíduo soberano” - idéia que nasceu entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII - abandonando o passado e representando, segundo a visão de alguns, ser o impulso que daria força para as transformações na sociedade moderna. *“a história moderna do sujeito individual reúne dois significados distintos: por um lado, o sujeito é “indivisível” – uma entidade que é unificada no seu próprio interior e não pode ser dividida, além disso; por outro lado, é também uma entidade que é singular, distintiva, única.[...]”*<sup>38</sup> (WILLIAMS conforme HALL,2006.25)

Com o transcorrer da sociedade, mudanças em todos os aspectos da vida humana foram claramente observados, o homem já não é mais o mesmo, sua visão de si e do mundo estão se modificando a cada dia, onde a sociedade como um todo, teve que adaptar-se para acompanhar esse ritmo frenético, que às vezes até para os mais despercebidos tornou-se visível.

Os modos de pensar e agir foram “modernizados”, o homem toma consciência de que ele é o grande sujeito responsável por o que acontece no seu meio social e que reciprocamente vai ser influenciado em sua vida.

Aquelas visões de identidade agora parecem um tanto quanto obsoletas, caindo num vazio de significações. A sociedade dita “moderna” está se reestruturando, trazendo consigo uma nova forma de se pensar em identidade, onde agora cada indivíduo torna-se detentor de várias identidades, deixando de ser preso ao “eu único”.

Essas mudanças na sociedade e conseqüentemente na identidade pessoal estão dando origem no que podemos chamar de “[...]crise de identidades[...]”<sup>39</sup>(Hall,2006.7), já que o sujeito está se desligando de suas antigas concepções. Como observa o crítico cultural Kobena Mercer, “[...] a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”<sup>40</sup> (MERCER conforme HALL,2006.9).

O que antes cabia ao sujeito era possuir uma identidade única, agora se tornou motivo de argumentos, colocando-o como ser de não apenas uma, mas de várias identidades. O

---

<sup>38</sup> HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro – RJ: DP&A,2006. p.25

<sup>39</sup> HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro – RJ: DP&A,2006. p.7

<sup>40</sup> HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro – RJ: DP&A,2006. p.9

estável fixo tornou-se sem definição, possibilitando mudanças. A visão passou de iluminista e sociológica para pós-moderna, onde a formação das identidades é transformada pelos sistemas culturais aos quais estamos inseridos. “[...]O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do ‘eu’ coerente.[...]”<sup>41</sup>(HALL,2006.13)

O sujeito pós-moderno agora em contradição com o sociológico, que pertencia sua identidade como fruto formado unicamente ao seu meio, é nesse momento um sujeito não pertencente a um único meio, portanto, pode assim, assumir identidades diferentes, dependendo de onde esteja inserido. A identidade única foi totalmente varrida para fora da discussão, onde se encaixa apenas para aqueles que singularizam sua vida como uma única definição. “[...]Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’.[...]”<sup>42</sup> (HALL,2006.13).

Nesse cenário, surge um número indefinido de identidades, que ao mesmo tempo é caracterizada pela ampla diversidade de culturas, onde cada um de nós pode ter uma identidade temporariamente quando julgarmos conveniente com a nossa necessidade. Assim “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpretado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida.[...]”<sup>43</sup>(HALL,2006.21). Numa análise geral dessas pequenas definições, podemos chegar à conclusão que cada ciência leva em consideração os pontos que acredita ser os mais importantes para a formação de conceitos sobre identidade ou identidades. Mas o que se verifica é há uma espécie de complemento, onde cada uma foi tomando novas linhas de pesquisa e agregaram-se ao que já existia, tornando possível o nascimento de novas visões cada vez mais abrangentes e que se enquadram melhor na sociedade atual.

### 3.1 IDENTIDADE CULTURAL

As identidades pessoal e social definem bem como o sujeito se percebe e se sente perante os outros, a sua relação com a sociedade e o seu papel como modificador do meio no qual está inserido.

<sup>41</sup> HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro – RJ: DP&A,2006. p.13

<sup>42</sup> HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro – RJ: DP&A,2006. p.13

<sup>43</sup> HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro – RJ: DP&A,2006. p.21

Quando passamos da análise do *eu* para o coletivo, trilhamos novos caminhos e chegamos ao que chamamos de Identidade Cultural. *“A identidade cultural é um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, a religião, as artes, o trabalho, os esportes, as festas, entre outros.[...]”*<sup>44</sup>(OLIVEIRA, 2006)

Aqui, nós indivíduos somos pertencentes de uma sociedade, na qual, tomamos como nossa, características do grupo no qual estamos inseridos. Somos um todo que se completa através da convivência com outras pessoas, que possuem sua identidade pessoal mas que compartilham de uma mesma cultura, essa que a distingi como pertencente a um grupo específico.

Somos rodeados por diversas culturas que “divergem” umas das outras por particularidades que lhes cabem. Cada grupo é que dá vida a sua cultura e é também responsável por “difundi-la” entre outros grupos, podemos assim definir: *“Cultura é aquele todo complexo que inclui conhecimento, fé, arte, lei, moral, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”* (Tylor in Mictchel, 1968:127)

Podemos então notar claramente que a identidade cultural é formada através do que a cultura representa para cada indivíduo, onde o conceito de cada uma delas complementam-se quando se uni o *representar* e o *compartilhar*.

Distinguindo-se das demais identidades, a identidade cultural não pode ser tratada de forma fixa e acabada, ela estar constantemente sendo construída, uma vez que acompanha a dinâmica da sociedade, às transformações que cotidianamente nos rodeiam, seja pela língua, religião, etc. Dentro desta idéia podemos citar a influência da globalização no caminho da identidade cultural. *“a globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações [...]”*<sup>45</sup>. ( MCGREW conforme HALL. 2006,:67)

Esse processo contribui para uma “interligação” entre diversos grupos, já que possibilitou uma quebra das barreiras que distanciava os povos uns dos outros e que tornava as diversas culturas estranhas umas às outras. Porém, há uma ambigüidade quando se trata de globalização, no momento que possibilita esse contato entre diversas culturas, ela também abriu brechas para que culturas de países desenvolvidos invadissem os considerados

---

<sup>44</sup> OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. Identidade cultural.2006. Disponível em <http://www.esmpu.gov.br/dicionário/tiki-index.php?page=Identidade+cultural>. Acesso em 06/10/2008

<sup>45</sup> HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro – RJ: DP&A,2006. p.67

subdesenvolvidos e tomassem de conta, fazendo com que os indivíduos sentissem essas “culturas dominadoras” como sua. Isso representou e representa um distanciamento e uma falta de valorização do que é local, regional e nacional, as pessoas assimilaram essas culturas estrangeiras através do consumismo, futilidades passageiras as quais não dão conta de serem chamadas de cultura.

No entanto, essa fase atual da globalização está buscando revalorizar as particularidades locais.

*“O processo de revalorização das particularidades e dos localismos culturais é inegável no atual momento histórico social. Ao mesmo tempo em que são incorporados costumes e valores de outras culturas aos hábitos do cotidiano, em todas as latitudes, os localismos voltam a ser valorizados”<sup>46</sup>*

( SOUZA.2003 )

Há um conhecimento das diferenças de culturas internacionais, onde algumas das características dessas culturas foram introduzidas na cultura local, mas a partir do momento que se toma consciência das diferenças existentes, o que tende a acontecer é se abrir os olhos no sentido de conhecer e valorizar a cultura onde cada um é pertencente.

Então para se chegar a uma conclusão, nós indivíduos somos únicos com nossas particularidades, mas não vivemos sozinhos, fomos criados para viver em grupos, numa sociedade, na qual somos responsáveis também pelo que acontece. Somos um *eu* único mas que precisa do outro para sobreviver, compartilhamos nossos costumes, nossa forma de se organizar em sociedade e nossa cultura. Possuímos de verdade a nossa identidade pessoal, social e cultural. Somos únicos como pessoa, vivemos em sociedade e compartilhamos nossa cultura, somos donos de várias identidades.

### **3.2 A FEIRA LIVRE DE LAJEDO COMO FONTE PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS**

*“A feira livre como espaço de trabalho faz-se da beleza, da brincadeira e move-se num mundo ritual, o que faz sobressair*

---

<sup>46</sup> SOUZA, Magda Vianna de. Globalização e revalorização da identidade cultural. Disponível em <http://www.sbec.org.br/evt2003/trab19.doc>. Acesso em 06/10/2008

*sua dimensão como espaço de convivência social.*<sup>47</sup> (SATO, 2007)

Como já vimos anteriormente, a identidade cultural pode ser definida de uma maneira mais simples, como sendo a partilha de uma mesma essência entre os indivíduos.

Todos os nossos costumes, língua, religião são fragmentos que compõem a nossa cultura e são utilizados como elementos que distinguem as culturas umas das outras. Mas vale ressaltar que a cultura nasce através das relações sociais entre os indivíduos enriquecendo e ampliando as suas formas de se agregarem umas às outras. Então, podemos afirmar que sem as relações sociais não existe cultura nem tampouco identidade cultural. Identificamos inúmeras formas de se manter relações sociais dentro de uma sociedade, instituições como a escola e a igreja, mas, porém nos focamos em um ambiente que demonstra-se como um celeiro de culturas, a feira livre.

Recorrendo mais uma vez ao que já foi referenciado nesse trabalho, que desde a Idade Média a feira representava mais do que um mero mercado onde se poderia comprar ou trocar mercadorias, mas uma forma de socialização com culturas que se diferenciam das suas. Havia assim, no contexto da feira o objetivo que inicialmente marcou a sua origem que era o interesse econômico e o que impulsionava o fluxo de pessoas à sua procura.

As pessoas que muitas vezes moravam em lugares remotos de onde a feira acontecia, passavam dias viajando e viam na feira não só a oportunidade de comercializar seus produtos, como também, de encontrar-se com outras pessoas, fato este, que contribuía para que se estabelecesse uma troca de informações, costumes e o que é mais importante experiências e modos de vida, o contato entre diferentes culturas. A feira tornava-se um ambiente propício à socialização. Ir à feira não representava apenas trabalhar, mas se divertir, fazer amizades, manter contato com outros lugares através das relações sociais, com pessoas de outras partes do mundo.

Com o desenvolvimento do comércio e o número crescente de feiras, que expandia-se cada vez mais, estas mesmas, começaram a crescer suas estruturas, organização, diversidade de mercadorias, de comerciantes e visitantes. As relações sociais que se mantinham nas feiras acompanhou o mesmo ritmo de desenvolvimento. E por que não dizer que essas relações sociais foram responsáveis por esse desenvolvimento? Afinal, as feiras não teriam nascido

---

<sup>47</sup> SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre.2007. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000400013&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000400013&script=sci_arttext&tlng=pt) . acesso em 17/08/2008

nem conseguido sobreviver até hoje se não existisse um ideal em comum, entre pessoas que provinham de lugares diferentes, mas que, uniram-se para instaurar as feiras em diversos lugares.

*“[...]A feira organiza-se em redes de relações sociais e suas principais feições são: mesclar relações de trabalho com as familiares, de vizinhança e de amizade[...]”*<sup>48</sup>  
(SATO,2007)

Como o objeto de estudo deste trabalho é a feira livre de Lajedo, pode-se claramente observar que essas mesmas redes de socialização ainda se mantêm. Às quartas-feiras quem chegar à Lajedo e sentar-se num banquinho da praça, vai observar que dentro da feira livre apresenta-se elementos de tal grande diversidade que torna a feira em ocasião para vários fins. São feirantes que saem de várias cidades da região para comercializarem seus produtos; pessoas que deixam suas casas na zona rural e urbana para visitar, comprar, vender, namorar, conversar, enfim, estabelecer relações sociais de qualquer que seja a natureza. Podemos compara-la com uma das maiores feiras livres do Brasil.

*“A feira de Caruaru, além de situada, é cruzamento de caminhos, de classes sociais, do urbano e do rural, do moderno e do arcaico, do litorâneo e do sertanejo, da mesa e da festa, do religioso e do profano, do seráfico com cheiro de incenso e do fescenino mais sem-vergonha. Preenche de todo o conceito de feira, inclusive na renitência da proteção que arvora a espaço gerador de cultura nas vertentes material e expressiva.”*<sup>49</sup>

Quem mora em Lajedo e nas cidades vizinhas, que precisa e depende da feira, sabe que tem dia certo pra tudo acontecer e tem consciência da importância da feira pra cidade e pra seus moradores. *É dia de ver a cidade cheia!*

Nesse sentido, a feira representa o encontro de culturas vindas de vários lugares distintos, que em um único ambiente é possível acesso à todas elas, assim estabelece-se uma reciprocidade em quem é da cidade ou não. É fim do dia, a feira termina, mas as experiências que resultaram do contato entre outras culturas ainda permanece e continuará presente sempre, porque quem mora em Lajedo, sabe o que a feira livre significa para a cidade.

A existência da feira é um símbolo da cultura da cidade, compartilhada pelos moradores dela, como também, entre aqueles que a frequenta, essa partilha do que é essencial

---

<sup>48</sup> SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre.2007. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000400013&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000400013&script=sci_arttext&tlng=pt) . acesso em 17/08/2008

para cada um, que direta ou indiretamente depende da feira, é denominada de identidade cultural e mais uma vez lembremos de Caruaru. *”Todo caruaruense nasce sabendo que a Feira é sua principal referência cultural, que confere identidade ao município[...].”*<sup>50</sup> (IPHAN.2007).

Não obstante dos caruaruenses, os lajedenses também sabem que a cidade cresceu com a feira e que sem esta, Lajedo não tinha se fortalecido. Cidade e feira são intrinsecamente ligadas uma a outra. E essa ligação é a essência para a formação da identidade cultural dos indivíduos.

---

<sup>50</sup> IPHAN, Instituto do patrimônio histórico e artístico nacional: informação.2007. Disponível em [http://portal.iphan.gov.br:8080/vs\\_portal/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=D8EA...](http://portal.iphan.gov.br:8080/vs_portal/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=D8EA...) Acesso em 21/07/2008

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro passo para a realização de uma pesquisa é a escolha do tema, o qual para ser definido é preciso que haja uma ligação entre o pesquisador e o mesmo.

Priorizamos por trabalhar com um objeto de estudo que estivesse próximo a nós e que desempenhasse um papel importante em nossas vidas. Então, escolhemos a feira livre, mais precisamente a da cidade de Lajedo. Mas, o que tratar da feira livre? Eram vários os aspectos que poderiam ser estudados e em torno dessa escolha, muita dificuldade foi encontrada, até chegar ao tema desse ensaio monográfico.

A feira sempre esteve presente em nossas vidas, crescemos sabendo que ela tinha dia certo para acontecer, toda quarta, e cedinho vão chegando os feirantes, aos poucos, os visitantes oriundos de outras cidades e mais tarde, as senhoras vão saindo de casa para fazer suas compras. Não é um dia qualquer. É o dia da feira! Dia de comprar, vender, namorar, se encontrar com os amigos e comadres e compadres prosearem.

É comum acontecer toda semana, é tudo igual. O que parece banal para muitos, para nós foi a razão de fazer esse trabalho. O que estar por trás de tudo isso? Quem inventou a feira? Onde ela nasceu? E principalmente. Será que a nossa feira possui traços das primeiras feiras que existiram? E o que tudo isso interfere nas nossas vidas?

Foi sobre essas indagações que tomamos base para a realização deste trabalho. Foram encontradas inúmeras dificuldades, principalmente no que diz respeito a fontes bibliográficas, que se apresentaram escassas em muitos momentos, resultado talvez de um descaso sobre história local, onde tentamos agora, oferecer nossa parcela de contribuição com a nossa pesquisa.

Então, considerando a abrangência e as possibilidades de estudo, a feira livre apresenta-se como sendo um laboratório à céu aberto, para aqueles que buscam compreender o universo sócio-cultural do ambiente que a cerca.

O que se pratica na feira livre, desde as relações de trabalho até as relações sociais, para muitos não representa nada mais do que um simples jeito de ser ou fazer. Mas, a origem e desenvolvimento das feiras, fazem evidenciar que a vontade e necessidade humana é que controlou todo esse processo e que partindo desse pressuposto, podemos afirmar que as feiras atuais, no que diz respeito as práticas, são um reflexo do que acontece na Idade Média.

Da sua origem, na sociedade medieval, até hoje, muitas transformações aconteceram, mas esse mercado ao ar livre se apresenta como uma mesclagem do moderno e atual com o

arcaico e antigo. Desde a organização física até o que ela simboliza para aqueles que necessitam dela para qualquer fim que seja.

Nossa pesquisa propôs uma relação das práticas que estavam presentes nas feiras da Idade Média e que se perpetuaram até hoje, caracterizando a feira de Lajedo, essas mesmas práticas simbolizam uma cultura milenar que permanece presente enriquecendo a nossa vida. Esses traços culturais influenciam diretamente para a construção do que tratamos como identidades culturais, pois cada indivíduo que trabalha, passeia, mora ou não na cidade, independente de qualquer que seja sua relação com a feira, esta tem um papel importante na sua vida e na vida do grupo.

São o conjunto das práticas que se desenvolvem nas feiras, compartilhadas dentro do mesmo meio social, as quais, tornam-se elementos da cultura, que por sua vez, é o que constitui as identidades culturais do grupo.

## REFERÊNCIAS

### ➤ BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, José Paulo. Álbum histórico de Lajedo. Lajedo: ed. do autor,1949
- BOTELHO, Carla (org). Calendário Oficial de Datas Históricas dos Municípios do Interior de Pernambuco, Recife: FIAM/CEHM,1994
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro- RJ: Nova fronteira,2001
- GEOGRAFIA ILUSTRADA ( BRASIL). SP, Abril Cultural,1975
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro – RJ: DP&A,2006.
- HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem.21ª ed. Nova York, EUA. LTC, 1936
- MAFFESOLI, Michel. No fundo das aparências. Petrópolis – RJ .Vozes,1996
- MUNFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. – São Paulo – SP . Martins Fontes, 1998 ( Ensino Superior)
- SILVA, Antônio de Oliveira e. Lembranças da Primavera: memórias, Lajedo: Ed. do autor, 1995.
- SILVA, Kalina Vanderley. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo – SP: Contexto,2005.

### ➤ ELETRÔNICAS

- CHARTIER, Roger. O mundo como representação.1991. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010340141991000100010&script=sei\\_arttext&tlng=em](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010340141991000100010&script=sei_arttext&tlng=em)  
Acesso em 06/11/2008.
- IPHAN, Instituto do patrimônio histórico e artístico nacional: informação.2007. Disponível em [http://portal.iphan.gov.br:8080/vs\\_portal/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=D8EA...](http://portal.iphan.gov.br:8080/vs_portal/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=D8EA...)  
Acesso em 21/07/2008
- OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. Identidade cultural.2006. Disponível em <http://www.esmpu.gov.br/dicionário/tiki-index.php?page=Identidade+cultural>. Acesso em 06/10/2008
- SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre.2007. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000400013&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000400013&script=sci_arttext&tlng=pt) . Acesso em 17/08/2008

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais.2000.Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622000000100003&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622000000100003&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em 23/10/2008

SOUZA, Magda Vianna de. Globalização e revalorização da identidade cultural. Disponível em <http://www.sbec.org.br/evt2003/trab19.doc>. Acesso em 06/10/2008

# ANEXOS



FOTO 1 – Feirante vendendo ervas. Fotografia de Moura Kleberson dos Santos.  
17/09/2008



FOTO 2: Banco com bijuterias. Fotografia de Moura Kleberson dos Santos.  
17/09/2008



FOTO 3 – Feirante vendendo retalhos de tecidos. Fotografia de Moura Kleberson dos Santos. 17/09/2008



FOTO 4: Banco com flores e guloseimas. Fotografia de Moura Kleberson dos Santos. 17/09/2008



FOTO 5 : Ambulante vendendo ervas. Fotografia de Moura Kleberson dos Santos.17/09/2008



FOTO 6 : Carroça com ervas. Fotografia de Moura Kleberson dos Santos.17/09/2008



FOTO 7 : Feirante vendendo tabaco. Fotografia de Moura Kleberson dos Santos.  
17/09/2008



FOTO 8: Feirantes vendendo massa de mandioca. Fotografia de Moura Kleberson dos Santos.  
17/09/2008



FOTO 9: Feira do esterco. Fotografia de Moura Kleberson dos Santos.17/09/2008

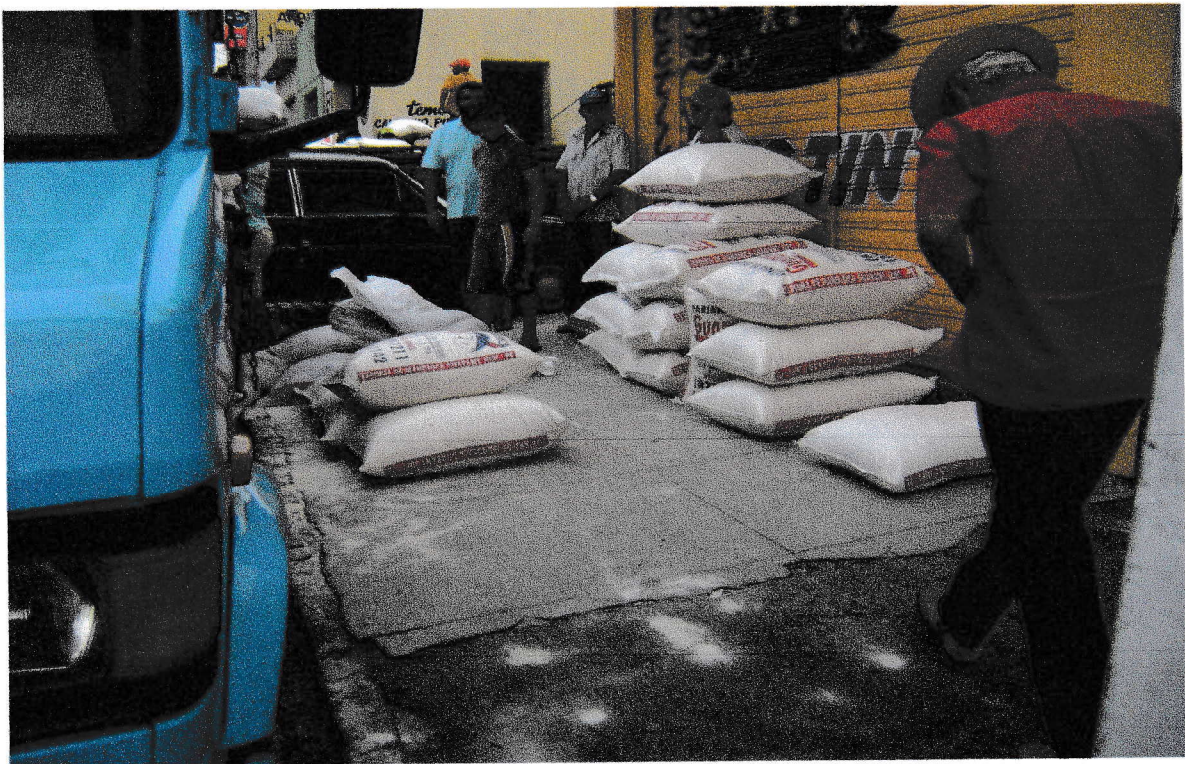


FOTO 10: Feira da Farinha. Fotografia de Moura Kleberson dos Santos.17/09/2008



FOTO 11: Homens descarregando carreta com sacos de feijão. Fotografia de Moura Kleberson dos Santos. 17/09/2008



FOTO 12: Feira do feijão. Fotografia de Moura Kleberson dos Santos. 17/09/2008

